

Plantas medicinais e seus usos na comunidade da Barra do Jucu, Vila Velha, ES

ALBERTASSE, P.D.^{1*}; THOMAZ, L.D.²; ANDRADE, M.A.³

¹Universidade Federal do Espírito Santo, Setor Botânica *palbertasse@yahoo.com.br ²Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Ciências Biológicas, Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, Goiabeiras, CEP: 29.075-910, Vitória-Brasil ³Universidade Federal do Pará, Faculdade de Farmácia, Rua Augusto Corrêa, 1, Guamá, CEP: 66075-170, Belém-Brasil

RESUMO: A Barra do Jucu é um bairro do município de Vila Velha, estado do Espírito Santo, localizado numa área de restinga e habitado por caiçaras que tiram sua renda principalmente da pesca. O objetivo deste estudo foi resgatar e sistematizar as informações populares sobre as plantas medicinais utilizadas na localidade. Ao todo foram citadas 86 espécies pertencentes a 41 famílias, das quais Lamiaceae, Asteraceae e Solanaceae apresentaram o maior número de espécies. As espécies citadas estão relacionadas a 59 usos medicinais, entre os quais predominaram as doenças associadas ao aparelho digestivo. Quantificou-se o número de citações por informante para cada táxon, bem como o número de usos, possibilitando a indicação das espécies mais utilizadas na área, como *Plectranthus barbatus* Andrews a mais citada, e *Anacardium occidentale* L. a espécie empregada para o maior número de usos. Os resultados demonstram que a população possui vasto conhecimento das plantas e de suas propriedades de cura.

Palavras-chave: Restinga, Barra do Jucu, caiçaras, plantas medicinais

ABSTRACT: Medicinal plants and their uses in Barra do Jucu community, Vila Velha Municipality, Espírito Santo State, Brazil. Barra do Jucu is a community from Vila Velha Municipality, Espírito Santo State, Brazil, located in a restinga area and inhabited by “caiçaras”, whose income is mainly from fishing. The aim of this study was to recover and systematize popular information about the medicinal plants used in this locality. In total, 86 species belonging to 41 families were cited, of which Lamiaceae, Asteraceae and Solanaceae had the largest number of species. The mentioned species are related to 59 medicinal uses, mainly to diseases associated with the digestive system. The number of citations per informant for each taxon, as well as the number of uses was quantified, indicating the most used species in this area, including *Plectranthus barbatus* Andrews, the most cited one, and *Anacardium occidentale* L., the most used one. The results demonstrated that the population has wide knowledge about the plants and their healing properties.

Key words: Restinga, Barra do Jucu, “caiçaras”, medicinal plants

INTRODUÇÃO

Como todo o resto da Floresta Atlântica, a restinga tem sua biodiversidade ameaçada a cada dia pela ação antrópica. Na comunidade estudada, tal ameaça está relacionada principalmente à especulação imobiliária, à retirada de areia, à retirada desordenada de espécimes animais e vegetais e à poluição direta ou indireta pelo acúmulo de lixo e esgoto. Assim, junto com a degradação do ambiente, muitas espécies vegetais são eliminadas antes mesmo de serem estudadas quanto às características

ecológicas; potenciais terapêutico, ornamental, alimentar ou quaisquer benefícios que possam vir a trazer à comunidade.

A medicina popular vem oferecendo contribuição cada vez maior às ciências do homem, devido à gama de conhecimentos e práticas médicas de caráter empírico, influenciadas pelo contexto sócio-cultural, econômico e físico, no qual se encontram inseridas (Camargo, 1976). Com isso a etnobotânica, que tem sido definida como o estudo das inter-

relações diretas entre humanos e plantas, procura interligar o conhecimento tradicional que determinada comunidade acumulou sobre o ambiente em que vive para que possa interagir com este ambiente e retirar a base de sustento para a sobrevivência e cultura (Martin, 1995).

Ao estudar o complexo da medicina popular, deve-se enfatizar a necessidade de estudar simultaneamente a pessoa que possui os conhecimentos, bem como o ambiente onde essas práticas são espontaneamente aceitas, ultrapassando-se assim os limites da botânica aplicada. De mesma importância, a sistematização do estudo da medicina folclórica deve considerar, em primeira instância, o fator cultural em si, como a nosografia, etiologia, diagnóstico, terapêutica, farmacopéia disponível, profilaxia e higiene destas práticas e em segundo lugar, estudar o indivíduo que ministra a cura ou que tem o poder de curar (Savastano & Di Stasi, 1996).

O Espírito Santo, apesar de ser um estado culturalmente rico em manifestações folclóricas, sendo muitas delas particulares da região, só nos últimos anos tem recebido estudos mais específicos e incentivos à cultura peculiar. Da mesma forma, resta uma lacuna quanto ao estudo das plantas úteis ou potencialmente úteis na medicina popular ou mesmo daquelas com utilidades na alimentação, habitação, vestuário ou artesanato capixabas, embora alguns trabalhos desta natureza tenham sido realizados como Weinberg (1984) que destaca vários componentes da vegetação da restinga de Vila Velha e Guarapari com potencial paisagístico em cidades litorâneas; Simonelli & Pereira (1996) que tratam da utilização da vegetação nativa da planície quaternária pela população do sul do Espírito Santo, completando os estudos realizados na reserva Indígena de Comboios, Aracruz-ES e Jesus (1997) que desenvolveu estudo etnobotânico na Ilha de Guriri, São Mateus, ES.

Este trabalho justifica-se em vista do caráter dinâmico da medicina popular e do desaparecimento de espécies vegetais e das práticas culturais das populações ocupantes das áreas de restinga do litoral capixaba. Tais processos de desaparecimento são decorrentes da histórica devastação das florestas nativas e do processo de aculturação e desestruturação da rede de transmissão do conhecimento tradicional, mais acentuados na Barra do Jucu pela proximidade com a capital do estado, Vitória, e com os grandes centros urbanos.

Desta forma, este trabalho teve como objetivo resgatar e sistematizar o conhecimento popular sobre a flora medicinal da localidade, bem como, as informações botânicas sobre a mesma e as informações sócio-culturais da comunidade em estudo.

MATERIAL E MÉTODO

Caracterização da área de estudo

Este estudo foi desenvolvido na comunidade da Barra do Jucu, antiga vila de pescadores no município de Vila Velha (ES) que preserva até hoje suas características originais de vila e seu folclore. Recebeu esse nome, pois se localiza próxima à foz do Rio Jucu, onde a deposição dos sedimentos na foz forma uma barra arenosa.

O bairro da Barra do Jucu distante de Vila Velha 12 km, com acesso pela Rodovia do Sol, encontra-se localizado sob as coordenadas 20°26'15" S e 40°18'45" W. Faz fronteira com o Oceano Atlântico a leste, com a Rodovia do Sol e o bairro Santa Paula a oeste, ao sul com a Praia de Interlagos e tem como vizinho ao norte o Parque Natural Municipal de Jacarenema, este de grande importância ecológica e turística local.

Caracterização sócio-cultural

Segundo Figueiras (2004), este vilarejo vem passando por uma série de transformações que se acentuaram principalmente no decorrer da década de 1980. Entre estas transformações, uma das mais facilmente perceptíveis diz respeito à maior heterogenização de sua composição social. A Barra do Jucu, há quarenta anos, era habitada quase essencialmente por pessoas que viviam de atividades tradicionais como a pesca, a caça e agricultura e roças domésticas, atualmente estas pessoas dividem o espaço com atores sociais que ocupam as mais variadas funções como professores, comerciantes, funcionários públicos, advogados, artistas e surfistas.

Figueiras (2004) afirma ainda que os pescadores mais antigos sempre perceberam o Rio Jucu como alternativa garantida de fartura para os dias de "mar grosso", ou seja, em que não podiam pescar no mar. Porém com a progressiva degradação do rio, assistiu-se ao surgimento de um novo tempo de transformações no espaço desses pescadores que vão ter diferentes significados e servem como referência para uma dicotomia na sua visão de tempo, onde contrapõem-se o *antigamente*, marcado pela abundância do pescado e o *hoje em dia*, de escassez.

Apesar desse reconhecimento por parte da população caçara da poluição do Rio Jucu, a principal atividade econômica ainda é a pesca tradicional que é realizada de três maneiras, ou seja, com rede de espera, rede de arrasto e linha e anzol. Por isso trata-se de comunidade remanescente de caçaras no estado.

Métodos de campo

Os dados foram obtidos por meio de visitas esporádicas, cerca de uma a cada mês, no período entre dezembro de 2004 a novembro de 2005, em

diferentes pontos da localidade. Foram usados tanto métodos qualitativos como quantitativos, através das técnicas de entrevistas informais, abertas e semi-estruturadas, entrevistas estruturadas, listagem livre das plantas utilizadas (Alexiades, 1996; Martin, 1995) e sempre que possível observação direta e participante da rotina dos entrevistados (Albuquerque & Lucena, 2004) visando à obtenção de dados sócio-econômicos e culturais dos informantes, características botânicas das plantas utilizadas, as indicações terapêuticas e formas de preparo. Todas essas informações foram registradas em caderno de campo e algumas em fitas microcassete.

A técnica de amostragem e seleção de informantes utilizada foi a chamada "bola de neve" ("Snow Ball"), uma amostragem intencional na qual os informantes envolvidos são selecionados a partir de indicações feitas pelos entrevistados da comunidade e pelos próprios informantes. A partir do contato inicial com a comunidade, um primeiro especialista é reconhecido, que passa a indicar outro especialista e assim sucessivamente, até envolver todos os especialistas da comunidade, até que o ciclo se feche e novos especialistas não sejam mais apontados (Albuquerque & Lucena, 2004).

Coleta e identificação das plantas

Durante as entrevistas, as plantas citadas como medicinais pelos informantes, foram coletadas nos locais indicados pelos mesmos. O material botânico coletado foi processado segundo Mori et al. (1989). Os espécimes herborizados foram depositados no HVIES (Herbário Vitória Espírito Santo) da Universidade Federal do Espírito Santo, após a identificação, a qual seguiu o sistema de classificação proposto pela Angiosperm Phylogeny Group - APG II (2003).

Assim como ocorre em diversos estudos de caráter etnobotânico, como o realizado na comunidade de Conceição-Açu, MT, por Pasa et al. (2005) e em Santo Antônio do Leverger, MT, por Amorozo (2002), as espécies com aplicação terapêutica consideradas neste estudo incluem, além daquelas indicadas para afecções que têm correspondência na medicina oficial, também aquelas espécies usadas para doenças e estados de desconforto identificados pelos informantes, mas que não são reconhecidos pela biomedicina, como por exemplo, *quebrante*, *mal-olhado*, *inveja*, considerando-se que fazem parte do universo nosológico da comunidade estudada (Bruneli *apud* Amorozo, 2002).

As plantas foram agrupadas em 10 categorias de uso medicinal, adaptadas de Ankli (1999), que são doenças associadas ao aparelho digestivo (APD); doenças associadas ao aparelho respiratório (APR); doenças associadas a condições dermatológicas (CD); doenças associadas à

inflamação, dor e febre (IDF); doenças associadas ao sistema nervoso (SIN); doenças associadas ao sistema sanguíneo (SIS); doenças associadas a problemas urológicos (UR); doenças associadas a usos ginecológicos e problemas de mulheres (UG); usos místicos (UM) e outras doenças (OD) que inclui problemas relativos aos dentes, olhos, emagrecimento, derrame e câncer. Foi quantificado o número de citações e número de usos de cada espécie vegetal para fornecer uma medida do valor de importância das mesmas.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Levantamento sócio-cultural

A amostra estudada foi composta por 14 pessoas apontadas pelos entrevistados locais, escolhidas com base no conhecimento em relação ao uso de plantas medicinais. Estes apresentaram idade variável entre 28 e 82 anos, estando a maioria na faixa dos 71-80 anos.

Dos entrevistados, 71% pertencem ao gênero feminino. O grau de escolaridade e a atividade profissional não influenciaram no nível de conhecimento das plantas úteis; a maioria é de aposentados que se dedicaram anteriormente ao lar, como donas de casa e empregadas domésticas (Tabela 1). Resultado semelhante foi descrito por Jesus (1997), dentro da grande variedade de profissões dos entrevistados na Ilha de Guriri, São Mateus/Conceição da Barra, ES. Os entrevistados, na maioria são nascidos na localidade, sendo expressivo o número de pessoas que ali chegaram há cerca de 3 a 15 anos.

Apesar de ser povoado antigo, os entrevistados apontados como principais detentores do conhecimento das plantas locais usadas com fins medicinais na região faleceram há poucos anos e hoje o conhecimento da vegetação e a aplicabilidade está relacionado ao tempo de residência na região. Este mesmo conhecimento foi adquirido por diversos veículos, mas predominantemente com os antepassados dos entrevistados, como avós e pais; sendo as mães e avós as principais responsáveis pela passagem dos ensinamentos (Tabela 2).

Os informantes foram questionados quanto à razão pela qual utilizam as plantas como terapia e quanto à preferência pelo uso das mesmas em relação aos medicamentos industrializados (Tabela 2). Muitos afirmaram que o tratamento das moléstias com as plantas é mais lento, mas causa menos mal ou não faz mal, alguns usam para manter a tradição ou pela comodidade de ter as plantas no quintal, outros por ser uma alternativa barata e alguns entrevistados acham que as plantas tem mais poder e eficiência que os medicamentos industrializados.

TABELA 1. Sinopse das informações sócio-culturais dos entrevistados em Barra do Jucu, Vila Velha-ES, no período de dez/2004 - nov/2005.

Informações mais relevantes	Entrevistados (n=14)	%
Faixa etária	71-80 anos	35,71
Representatividade de gênero	gênero feminino	71,43
Representatividade de nativos	Nativos	35,71
Tempo médio de residência de não nativos	3-15 anos	28,57
Atividade profissional	Aposentadas	42,85
Grau de escolaridade	Analfabetos ou até a 4 série do Ensino fundamental	50%
	Até o Ensino médio	43%
	Ensino superior	7%

TABELA 2. Sinopse das informações sócio-culturais dos entrevistados em Barra do Jucu, Vila Velha-ES, no período de dez/2004 - nov/2005.

Informações mais relevantes	Entrevistados (n=14)	%
Preferência dos entrevistados pelo uso de plantas como terapia em relação aos medicamentos industrializados	Uso de medicamentos por falta de opção terapêutica	36,00
	Uso associado entre plantas e medicamentos industrializados	35,00
	Uso exclusivo de plantas medicinais	29,00
Razão de uso das plantas como terapia pelos entrevistados	Pela tradição	35,71
	Pela eficiência	42,85
	Por ser natural/ não faz mal	28,57
Origem do conhecimento do uso de plantas medicinais dos entrevistados	Avó, mãe e idosos	74,42

A população local conta com um Posto de Saúde Municipal que atende as necessidades médicas mais urgentes. De acordo com informações obtidas no Posto de Saúde, não há programas relacionados ao uso de plantas medicinais, mas há registros de indicação por médicos para o alívio de sintomas apontados em certos casos, como, por exemplo, o chá da camomila para o alívio de cólicas menstruais.

Foram apresentadas um total de 59 diferentes indicações terapêuticas, aqui agrupadas em 10 categorias de uso medicinal. Muitas espécies foram citadas mais de uma vez, para diferentes usos, sendo que o maior número de espécies foi indicado para

tratar de doenças do aparelho digestivo, além de doenças associadas à inflamação e dor, ao sistema sanguíneo e aparelho respiratório (Figura 1). Resultados semelhantes têm sido registrados para outros locais no Brasil (Amorozo & Gély, 1988; Hanazaki et al., 1996; Silva-Almeida & Amorozo, 1998; Amorozo, 2002; Pasa et al., 2005).

As plantas usadas como remédio pela população local apresentaram maior importância quando referidas para problemas mais simples e que fazem parte da atenção primária à saúde, por exemplo, úlcera, gastrite, enjôos, feridas, gripe, inflamações e dores.

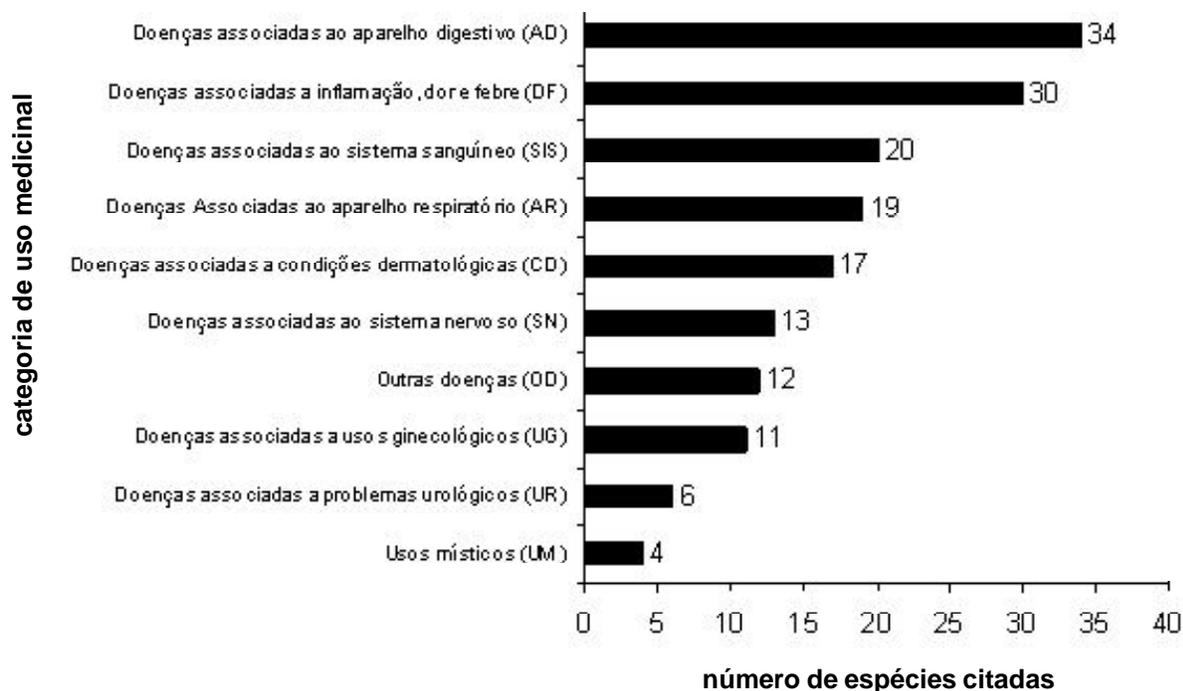


FIGURA 1. Número de espécies citadas por categoria de uso medicinal na Barra do Jucu, Vila Velha, ES, no período de dez/2004 - nov/2005. Uma espécie pode ter sido citada para um ou mais usos.

Levantamento florístico

Foram levantadas 86 espécies de plantas usadas como terapia pela comunidade, pertencentes a 41 famílias botânicas, sendo Lamiaceae a mais freqüente, com 12 espécies, seguida de Asteraceae, com oito espécies e Solanaceae, com quatro espécies. Anacardiaceae, Apiaceae, Bignoniaceae, Cucurbitaceae, Myrtaceae, Rutaceae e Zingiberaceae, tiveram cada uma, três espécies citadas.

Não raro, as famílias Asteraceae e Lamiaceae também são encontradas como as mais frequentes em levantamentos de plantas medicinais no Brasil, como em Parente & Rosa (2001), Medeiros et al. (2004) e Pasa et al. (2005).

Obteve-se um total de 198 citações de uso. As espécies mais citadas foram o boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews) com nove citações, hortelã (*Mentha piperita* L.) com oito citações, erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br.), com sete citações, picão (*Bidens pilosa* L.), romã (*Punica granatum* L.) e arnica (*Eupatorium maximilianii* Schrad.) com seis citações cada, assa-peixe (*Vernonia polyanthes* Less.), alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) e melissa (*Melissa officinalis* L.) com cinco citações cada.

A maioria é empregada com vários usos (64% do total), sendo as mais importantes: caju (*Anacardium occidentale* L.), com seis diferentes usos, assa-peixe (*Vernonia polyanthes* Less.), saião (*Kalanchoe brasiliensis* Camb.) e hortelã-pimenta (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.) com cinco usos e aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi) com quatro usos indicados.

As espécies levantadas foram coletadas em ambientes de uso rotineiro da comunidade e existe o costume tradicional da troca de plantas entre vizinhos.

A maioria das plantas apresentadas neste estudo é retirada de quintais, ruas não asfaltadas ou jardins mantidos ao redor de suas casas, onde crescem espécies alimentícias ou que são utilizadas para fins medicinais. Esse procedimento é observado também por Coe & Anderson (1999), em estudo etnobotânico na Nicarágua e por Medeiros et al. (2004), em Mangaratiba, RJ.

Como os quintais e a rua foram os principais lugares apontados como pontos de coleta das plantas medicinais, pode-se dizer que estes locais e os procedimentos de coleta associados, estão relacionados à disponibilidade e facilidade de acesso, como mostra a hipótese da aparência ecológica, aplicada a etnobotânica por Phillips & Gentry (1993 a; b). A partir de predição simples relacionando uso e abundância, em que as plantas encontradas facilmente oferecem maior possibilidade para as populações locais experimentarem e aprenderem os usos, permitindo a perpetuação do conhecimento e utilização.

Apesar do fato de a comunidade estar localizada ao lado do Parque Estadual de Jacarenema, apenas 11% das plantas citadas neste estudo foram coletadas pelos informantes diretamente na área de restinga do Parque. Os entrevistados locais reconhecem a riqueza e o potencial da flora medicinal da restinga, porém alguns fatores os desestimulam a coletá-la e utilizá-la, dentre os principais estão a dificuldade de frequentar o local com muitos pontos

referidos como sendo perigosos. Nota-se a crescente deterioração que o ambiente vem sofrendo com o acúmulo de lixo e esgoto, extração indiscriminada de espécies animais e vegetais ameaçadas, como orquídeas e bromélias para fins ornamentais e a aroeira, para produção da pimenta-rosa.

As espécies vegetais utilizadas pelos entrevistados (Tabela 3), têm predominantemente hábito e herbáceo (59%), além de 17% com hábito arbustivo, 15% arbóreo e apenas 9% trepadeiras. Há equilíbrio entre o percentual de origem das espécies utilizadas, sendo 49% das espécies nativas

do Brasil e 52% de exóticas já muito bem adaptadas às condições ecológicas locais.

Todas as partes vegetais foram indicadas para o preparo de remédios sendo as folhas as mais utilizadas, com 39% das indicações, seguidas da parte aérea em geral (24%), frutos (10%) e raízes, flores, casca e semente entre 8% e 5% das indicações. Resultados semelhantes são comumente registrados em outros trabalhos etnobotânicos (Jesus, 1997; Amorozo, 2002; Medeiros et al., 2004).

O uso combinado com outras plantas é frequente, assim como a utilização de outros

TABELA 3. Espécies vegetais citadas pelos entrevistados na Barra do Jucu, Vila Velha, ES relacionadas às suas famílias, nomes vulgares, hábito, origem, parte utilizada, forma de preparo, indicações de uso na comunidade, indicações de uso na comunidade sempre condizentes com a literatura. **Hábito:** avo – arbóreo; arb – arbustivo, erva – herbáceo; trp – trepadeira. **Origem:** nat – nativa; ex – exótica. * comprada

Espécie	Nome vulgar	Nº de coleta	Hábito	Origem	Parte utilizada	Forma de preparo	Indicações de uso
Agavaceae							
<i>Agave americana</i> L.	pita	090	Avo	Ex	Raiz	Decocto, garrafada	Depurativo do sangue, limpeza da pele
Alliaceae							
<i>Allium cepa</i> L.	cebola	*	Erva	Ex	Folhas, catáfilos	Xarope	Voz, rouquidão, dor de garganta, gripe
<i>Allium sativum</i> L.	alho	*	erva	Ex	Bulbo, raiz	Xarope	Voz, rouquidão, dor de garganta, gripe
Amaranthaceae							
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	terramicina	*	erva	Nat	Ramos	Infusão	Antibiótico, antiinflamatório, disenteria
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	erva-de-santa-maria	008	erva	Nat	Parte aérea	Decocto, suco	Vermífugo, calmante
Anacardiaceae							
<i>Anacardium occidentale</i> L.	cajú	011	avo	Nat	Casca, receptáculo	Banho de assento, decocto, suco	Hemorróida, cicatrizante e para limpar o útero, vitamínico, contra gripe, diabetes
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	aroeira	022	avo	Nat	Folhas, casca	Xarope, banho de assento	Úlcera, anticasca, tosse, cicatrizante para puérperas
<i>Spondias mombim</i> L.	cajá	012	avo	Nat	Folhas	Suco	Emagrecedor, reduzir o colesterol
Apiaceae							
<i>Anethum graveolens</i> L.	endro	016	erva	Ex	Folhas	Decocto	Labirintite
<i>Daucus carota</i> L.	cenoura	*	erva	Ex	Raiz	Decocto ou crua	Dor de estômago, anemia
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	erva-doce	052	erva	Ex	Folhas, sementes	Decocto	Calmante
Araceae							
<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl.	goimbé, cipó-goimbé	091	arb	Nat	Folhas	Decocto	Reumatismo
Aristolochiaceae							
<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc.	cipó-mil-homens	053	trp	Nat	Flores, folhas	Garrafada. Toma na sexta-feira da Paixão	"Fechar" o corpo, proteção, dá ao homem virilidade

continua...

TABELA 3. Espécies vegetais citadas pelos entrevistados na Barra do Jucu, Vila Velha, ES relacionadas às suas famílias, nomes vulgares, hábito, origem, parte utilizada, forma de preparo, indicações de uso na comunidade, indicações de uso na comunidade sempre condizentes com a literatura. **Hábito:** avo – arbóreo; arb – arbustivo, erva – herbáceo; trp – trepadeira. **Origem:** nat – nativa; ex – exótica. * comprada

...continuação

Espécie	Nome vulgar	Nº de coleta	Hábito	Origem	Parte utilizada	Forma de preparo	Indicações de uso
Asphodelaceae							
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.	babosa	092	erva	Ex	Folhas	Ao natural	Hidratante capilar, anticasca, antiqueda
Asteraceae							
<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	maroto	093	erva	Nat	Raiz	Bochecho	Dor de dente
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	carqueja	059	erva	Nat	Folhas	Decocto	Emagrecedor Icterícia
<i>Bidens pilosa</i> L.	picão, pico-preto	039	erva	Nat	Ramos	Decocto	
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	camomila	054	erva	Ex	Folhas, caule, flores	Infusão	Chá digestivo, calmante, para dormir
<i>Helenium cf. amarum</i> (Raf.) H. Rock	camomila	080	erva	Ex	Folhas, caule, flores	Infusão	Chá digestivo, calmante, clarear cabelos
<i>Eupatorium maximilianii</i> Schrad.	arnica	035	erva	Nat	Folhas	Decocto, suco, emplastro e banho	Dor, depurativo do sangue, antiinflamatório
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	cipó-almésca	055	trp	Nat	Parte aérea	Decocto	Epilepsia, derrame, reumatismo
<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	assa-peixe	014	avo	Nat	Folhas	Xarope, infuso e suco	Gripe, tosse, tuberculose, sinusite
Bignoniaceae							
<i>Jacaranda puberula</i> Cham.	carobinha	032	avo	Nat	Casca, flor, parte aérea	Banho	Erisipela, sarna
<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K. Schum.	cinco-folhas	095	avo	Nat	Folhas	Banho e infuso	Pereba, coceira, antibiótico no parto
<i>Tabebuia aff. heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	ipê roxo	056	avo	Nat	Casca fresca	Decocto	Câncer
Boraginaceae							
<i>Cordia verbenacea</i> DC.	aroeira	046	erva	Nat	Folhas	Ao natural	Dentifício fortalecer a gengiva
Brassicaceae							
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>acephala</i> L.	couve	*	erva	Ex	Folhas	Suco	Digestivo
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>capitata</i> L.	repolho	*	erva	Ex	Folhas	Emplastro	Cicatrizante
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	mastruz	067	erva	Nat	Folhas	Suco, emplastro	Vermífugo, antiinflamatório e cicatrizante
Bromeliaceae							
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	abacaxi	*	erva	Nat	Fruto	Xarope	Bronquite Bronquite, asma
<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	pacová	098	erva	Nat	Raiz ou frutos	Xarope	
Burseraceae							
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	almécega	058	avo	Nat	Látex	Emplastro	Cicatrizante, artrite, artrose
Chrysobalanaceae							
<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	cajurú	025	avo	Nat	Galho	Decocto	Diabetes

continua...

TABELA 3. Espécies vegetais citadas pelos entrevistados na Barra do Jucu, Vila Velha, ES relacionadas às suas famílias, nomes vulgares, hábito, origem, parte utilizada, forma de preparo, indicações de uso na comunidade, indicações de uso na comunidade sempre condizentes com a literatura. **Hábito:** avo – arbóreo; arb – arbustivo, erva – herbáceo; trp – trepadeira. **Origem:** nat – nativa; ex – exótica. * comprada

...continuação

Espécie	Nome vulgar	Nº de coleta	Hábito	Origem	Parte utilizada	Forma de preparo	Indicações de uso
Convolvulaceae							
<i>Ipomoea pescaprae</i> (L.) R. Br.	salsa-da-praia	060	erva	Ex	Raiz	Decocto e garrafada	Depurativo
Crassulaceae							
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb.	folha da fortuna, saião	054	erva	Ex	Folhas	Emplastro, xarope, suco	Cicatrizante, gripe, tosse
Cucurbitaceae							
<i>Cucurbita pepo</i> L.	abóbora	023	erva	Ex	Semente, flor	Natural, extrato	Vermes, otite
<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	bucha-paulista	099	trp	Nat	Fruto	Inalação	Sinusite
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	chuchu	069	trp	Ex	Folhas	Decocto	Calmante
Equisetaceae							
<i>Equisetum hiemale</i> L.	cavalinha	062	erva	Nat	Caule, folhas	Decocto	Depurativo
Euphorbiaceae							
<i>Joannesia princeps</i> Vell.	boleira	063		Nat	Semente	Ao natural	Depurativo, purgante
<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	027	arb	Ex	Folhas	Banho	Erisipela, úlceras de pele
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	feijão-guando	038	erva	Ex	Folhas	Extrato, emplastro, bochecho	Sinusite, antiinflamatório bucal
Lamiaceae							
<i>Leonorus japonicus</i> Houtt.	macaé	064	erva	Ex	Folhas	Infuso	Abortivo
<i>Leucas martinicensis</i> (Jacq.) R. Br.	cordão-de-frade	024	erva	Ex	Parte aérea	Decocto, banho, ao natural	Derrame, diabetes
<i>Melissa officinalis</i> L.	melissa	068	erva	Ex	Parte aérea	Decocto	Calmante, coração
<i>Mentha SP</i>	alevante	029	erva	Ex	Galhos	Decocto	Inflamação, gripe
<i>Mentha piperita</i> L.	hortelã	043	erva	Ex	Parte aérea	Decocto, suco	Vermes, cólica de bebês, anemia
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	040	erva	Ex	Parte aérea	Decocto	Gripe, chá de criança
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjeriço	028	erva	Ex	Parte aérea	Suco	Inflamação
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	alfavaca	031	erva	Nat	Parte aérea, semente	Decocto, xarope, ao natural	Gripe, insônia, semente para limpar os olhos
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	hortelã-pimenta	065	erva	Ex	Parte aérea	Decocto	Enxaqueca, pulmão, estômago, rins e fígado
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo	036	erva	Ex	Parte aérea	Infuso, suco	Digestivo, fígado
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd.	boldo miúdo	048	erva	Ex	Parte aérea	Banho, chá, suco	Afasta mau-olhado, digestivo
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	005	erva	Ex	Parte aérea	Decocto, infuso	Coração, calmante, digestivo
Loganiaceae							
Indet 1	alfazema	001	arb	Ex	Parte aérea, Folhas	Decocto, banhos, ao natural	Gripe, cólica menstrual, calmante, benzimento
Loranthaceae							
<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Bl.	erva-de-passarinho grande	066	trp	Ex	Toda a planta	Decocto, banho de assento	Tuberculose, hemorróida, limpa o útero das puérperas, cicatrizante
Lythraceae							
<i>Punica granatum</i> L.	romã	073	arb	Ex	Fruto, folhas	Decocto, gargarejo	Inflamação garganta, disenteria

continua...

TABELA 3. Espécies vegetais citadas pelos entrevistados na Barra do Jucu, Vila Velha, ES relacionadas às suas famílias, nomes vulgares, hábito, origem, parte utilizada, forma de preparo, indicações de uso na comunidade, indicações de uso na comunidade sempre condizentes com a literatura. **Hábito:** avo – arbóreo; arb – arbustivo, erva – herbáceo; trp – trepadeira. **Origem:** nat – nativa; ex – exótica. * comprada

...continuação

Espécie	Nome vulgar	Nº de coleta	Hábito	Origem	Parte utilizada	Forma de preparo	Indicações de uso
Malpighiaceae <i>Malpighia glabra</i> L.	acerola	073	arb	Ex	Folhas, fruto	Xarope, suco	Gripe, vitamínico
Malvaceae <i>Gossypium hirsutum</i> L.	algodão	078	arb	Ex	Folhas	Decocto	Inflamação no útero, cólicas, cicatrizante
<i>Hibiscus rosasinensis</i> L.	hibisco	089	arb	Ex	Folhas, flores	Emplastro	Cicatrizante, beleza da pele
Moraceae <i>Morus nigra</i> L.	amora	015	avo	Ex	Folhas	Infuso	Colesterol, pressão alta, reposição hormonal da mulher, prevenir derrame
Myrtaceae <i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	075	arb	Nat	Folhas novas, frutos	Decocto, emplastro, suco, xarope	Abaixar a pressão, contra furúnculo diurético, gripe
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	076	avo	Nat	Broto das folhas	Decocto ou suco	Diarréia
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	jamelão	044	avo	Ex	Folhas, frutos	Decocto, suco	Diabetes
Nyctaginaceae <i>Boerhavia diffusa</i> L.	fustão	037	erva	Nat	Raiz e folhas	Decocto	Rins
Orchidaceae <i>Cyrtopodium andersonii</i> (Lamb. ex A. L. Andrews) R. Br.	sumaré	102	erva	Nat	Folhas, talo	Emplastro	Cicatrizante
Oxalidaceae <i>Averrhoa carambola</i> L.	carambola	070	arb	Ex	Folhas	Decocto	Rins, diabetes, colesterol
Passifloraceae <i>Passiflora edulis</i> Sims	maracujá	051	trp	Nat	Fruto	Suco	Calmante
Phyllanthaceae <i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	018	erva	Nat	Parte aérea	Decocto	Rins, cálculos renais
Plantaginaceae <i>Plantago major</i> L.	tançagem	077	erva	Ex	Folhas	Decocto, gargarejo, banho	Inflamação da garganta, úlceras de pele
Poaceae <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	capim-santo,	079	erva	Ex	Folhas e raiz	Infuso	Enxaqueca, gripe
<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	capim-cidreira capim-pé-de-galinha	103	erva	Nat	Folhas	Decocto, xarope	Pneumonia
Polypodiaceae <i>Microgramma vacciniifolia</i> (Langsd. et Fisch.) Copel.	erva-de-passarinho miúda	033	trp	Nat	Parte aérea	Banho de assento	Hemorroidas, limpeza do útero de puérperas
Rutaceae <i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	042	erva	Ex	Parte aérea	Ao natural, infuso	Mau-olhado, abortivo
<i>Citrus aurantium</i> L.	laranja	072	avo	Ex	Folhas,	Gripe, anemia	Xarope, suco
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. F.	limão	071	avo	Ex	frutos	Gripe, anemia	Xarope, suco

continua...

TABELA 3. Espécies vegetais citadas pelos entrevistados na Barra do Jucu, Vila Velha, ES relacionadas às suas famílias, nomes vulgares, hábito, origem, parte utilizada, forma de preparo, indicações de uso na comunidade, indicações de uso na comunidade sempre condizentes com a literatura. **Hábito:** avo – arbóreo; arb – arbustivo, erva – herbáceo; trp – trepadeira. **Origem:** nat – nativa; ex – exótica. * comprada

...continuação

Espécie	Nome vulgar	Nº de coleta	Hábito	Origem	Parte utilizada	Forma de preparo	Indicações de uso
Solanaceae							
<i>Solanum melongena</i> L.	berinjela	*	erva	Ex	Frutos	Diabetes, colesterol	Suco
<i>Solanum paniculatum</i> L.	jurubeba	074	arb	Nat	Frutos, folhas	Decocto	Fígado, estômago, câncer
<i>Solanum tuberosum</i> L.	batata inglesa	*	arb	Ex	raiz	Ao natural	Estômago, úlceras
<i>Solanum</i> sp.	baúna	045	arb	Nat	Folhas	Banho de assento	Hemorróida
Verbenaceae							
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	erva-cidreira	009	erva	Nat	Folhas	Decocto	Carminativo, calmante, digestivo, abixa a pressão
<i>Stachytarpheta jamaicensis</i> (L.) Vahl	gervão roxo	047	erva	Nat	Planta toda	Decocto	Fígado, estômago
Vitaceae							
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	insulina	019	trp	Nat	Folhas	Decocto	Diabetes
Zingiberaceae							
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	cana-de-macaco	052	erva	Nat	Parte aérea	Decocto	Problemas urinários, rins
<i>Hedychium coronarium</i> J. Koenig	lírio branco	021	erva	Ex	Folhas, raízes	Decocto	Cicatrizante
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	*	erva	Ex	Bulbo, raiz	Xarope, ao natural	Voz, rouquidão, dor de garganta, gripe

ingredientes na preparação, tais como, leite, mel, açúcar, vinhos e cachaça.

Foram identificadas diversas formas de utilização, porém a mais freqüente é o decocto, com 33,11% das citações (Tabela 4). Como pode ser comprovado pelos estudos de Elisabetsky (1986) em algumas tribos indígenas brasileiras; Rodrigues (1998) no Parque Nacional do Jaú, Amazonas; Parente & Rosa (2001) em Barra do Piraí, no Rio de Janeiro; Pasa et al. (2004) em Conceição-Açu, no Mato Grosso e Cortez et al. (1999) em diversas partes do Brasil é comum a prática dos chás feitos pela decocção não só para as partes duras ou secas do vegetal, como caules, raízes, folhas secas, etc., mas também a fervura das folhas frescas. Este procedimento não é indicado para qualquer planta, pois pode degradar ou eliminar princípios ativos das mesmas, inativando o efeito terapêutico do chá ou tornando-o perigoso à saúde.

As indicações e utilizações descritas na literatura condizem para a maioria das espécies descritas neste estudo (57%), enquanto que 43% não possuem o mesmo emprego, quando comparadas.

TABELA 4. Formas de utilização das plantas medicinais pelos entrevistados na Barra do Jucu, Vila Velha, ES, no período de dez/2004 - nov/2005.

Forma de Preparo	Nº de citações
Decocto	50
Suco/ extrato	27
Banhos	18
Infuso	17
In natura	16
Xarope	14
Em plastro/cataplasma	6
Gargarejo	3
Garrafada	3
Bochecho	2
Inalação	1

São apresentadas 8 espécies (9,3%) para as quais são raras ou não foram encontradas referências na literatura pesquisada, dentre estas estão a arnica, uma das mais importantes com 6 citações e 3

diferentes usos, alfazema com 3 citações e 4 usos e um tipo de boldo-miúdo com 3 citações e 4 usos.

O fato de encontrar espécies não descritas ou pouco estudadas, sugere que as mesmas podem apresentar grande potencial para novos estudos na área farmacêutica.

Embora o emprego das plantas com fins terapêuticos ainda seja parte importante do cotidiano de grande parte dos entrevistados, existem outras opções disponíveis de tratamento, a escolha de uso entre cada tratamento é feita com base na necessidade de urgência de efeitos e na disponibilidade de cada um, seja pela sazonalidade das plantas ou custo de compra do medicamento.

REFERÊNCIA

- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. (Orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Ed. Livro Rápido/ NUPEEA, 2004. 189p.
- ALEXIADES, M.N. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: The New York Botanical Garden Press, 1996. p.53-4.
- AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v.16, n.2, p.189-203, 2002.
- AMOROZO, M.C.M.; GÉLY, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, v.4, n.1, p.47-131, 1988.
- ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP II. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v.141, p.399-436, 2003.
- ANKLI, A.; STICHER, O.; HEINRICH, M. Medical ethnobotany of the Yucatec Maya: healers consensus as a quantitative criterion. **Economic Botany**, v.53, n.2, p.144-60, 1999.
- CAMARGO, M.T.L. **A medicina popular**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. 1976. 46p.
- COE, F.G.; ANDERSON, G.J. Ethnobotany of the Sumu (Ulwa) of Southeastern Nicaragua and comparisons with Miskitu plant lore. **Economic Botany**, v.53, n.4, p.364-94, 1999.
- CORTEZ, L.E.R.; JACOMOSI, E.; CORTEZ, D.A.G. Levantamento das plantas medicinais utilizadas na medicina popular de Umuarama, PR. **Arquivos Ciência Saúde UNIPAR**, v.3, n.2, p.97-104, 1999.
- ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia de algumas tribos brasileiras. In: RIBEIRO, B.G. (Coord.). **Suma etnológica brasileira**. 2.ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1986. v.1, 126p.
- FIGUEIRAS, M.P. **Pescadores da praia da Concha**: saberes, práticas e ritmos locais. 2004. 61p. Monografia (Graduação - Área de Concentração em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- HANAZAKI, N.; LEITÃO-FILHO, H.F.; BEGOSSI, A. Uso de recursos na mata atlântica: o caso do Pontal do Almada (Ubatuba, Brasil). **Interciência**, v.21, n.6, p.268-76, 1996.
- JESUS, M.C.F. **Etnobotânica na Ilha de Guriri**. São Mateus/ Conceição da Barra - ES. 1997. 69p. Monografia (Especialização - Área de Concentração em Ecologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- MARTIN, G.J. **Ethnobotany: a method manual**. New York: Chapman & Hall, 1995. 268p.
- MEDEIROS, M.F.T.; FONSECA, V.S.; ANDREATA, R.H.P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v.18, n.2, p.391-9, 2004.
- MORI, S.A. et al. **Manual de manejo do Herbário Fanerogâmico**. Ilhéus: Centro de Pesquisa do cacau. 1989. 104p.
- PARENTE, C.E.T.; ROSA, M.M.T. Plantas comercializadas como medicinais no Município de Barra do Piraí, RJ. **Rodriguesia**, v.52, n.80, p.47-59, 2001.
- PASA, M.C.; SOARES, J.J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botânica Brasileira**, v.19, n.2, p.195-207, 2005.
- PHILLIPS, O.; GENTRY, A.H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypothesis tests with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v.47, p.15-32, 1993a.
- PHILLIPS, O.; GENTRY, A.H. The useful plants of Tambopata, Peru: II. Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany**, v.47, p.33-43, 1993b.
- RODRIGUES, E. Etnofarmacologia no Parque Nacional do Jaú, AM. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.1, n.1, p.1-14, 1998.
- SAVASTANO, M.A.P.; DI STASI, L.C. Folclore: conceitos e metodologia. In: Di Stasi, L.C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência**. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Ed. UNESP, 1996. p.37-46.
- SILVA-ALMEIDA, M.F.; AMOROZO, M.C.M. Medicina popular no Distrito de Ferraz, Município de Rio Claro, Estado de São Paulo. **Brazilian Journal of Ecology**, v.2, p.36-46, 1998.
- SIMONELLI, M.; PEREIRA, O.J. A vegetação de restinga e os índios Tupiniquins da Reserva Indígena de Comboios-Aracruz/ES. **Revista Cultural da Universidade Federal do Espírito Santo**, v.6, p.92-106, 1996.
- WEINBERG, B. Componentes da vegetação remanescente do litoral de Vila Velha e norte de Guarapari - ES: Usos em tratamentos paisagísticos em cidades com orla marítima. In: LACERDA, L.D. et al. **Restinga: origem, estrutura, processos**. Niterói: CEUFF, 1984. p.227-32.